

CAMINHADA À TERRA PATAXÓ (II)

Aldeia começa a trabalhar

Barra Velha (Sul da Bahia), tarde do dia 18 de outubro. A expedição que saiu de Belo Horizonte para implantar a nova fase da Operação Anchieta, na Aldeia Pataxó, já está preparada para começar o trabalho.

Antes, o diretor do Colégio Anchieta, Newton da Paiva Ferreira Filho, explica que "a Operação Anchieta, tal como foi denominado o projeto, é uma iniciativa particular, apolítica, com fins educativos e que vem assumir a responsabilidade que todo cidadão deveria manifestar pelo índio brasileiro". A idéia surgiu no início do ano e o projeto foi lançado em 9 de junho, em comemoração ao Dia do Padre Anchieta. Para debater a questão, o Colégio Anchieta trouxe a Belo Horizonte cinco índios Pataxó: Tururim (cacique) Ita (sub-cacique), Zebedeu, Salvíno e Conceição. Na Capital mineira, eles estiveram, durante uma semana, falando para os alunos, expondo e vendendo artesanato.

Em decorrência dos pronunciamentos dos representantes Pataxó, o Colégio Anchieta tratou de providenciar a execução de um projeto que permitisse aos índios

sobreviverem melhor na Aldeia. Encerradas as explicações, ficamos sabendo que os índios não seriam presenteados e, sim, receberiam recursos dos quais não dispõem para a própria sobrevivência física e cultural. Assim, foram distribuídos os materiais agrícolas, redes de pesca, sementes para o plantio de uma horta e iniciado o trabalho da equipe de estudantes de Odontologia da Universidade Católica e o levantamento pelos alunos do Colégio Anchieta, turma de Patologia.

FUNAI E PROJETOS

Quando a noite chega na Aldeia Pataxó — em Barra Velha —, a lua cheia toma conta da região, clareando tudo em volta. Integrantes da expedição terminaram o almoço-jantar e, juntos com alguns índios, participam de uma reunião com o chefe da Equipe Volante de Saúde da Fundação Nacional do Índio — FUNAI, médico Adriano José Marques de Freitas.

Na presença do cacique Tururim, do sub-cacique Ita e de vários outros índios, o médico explica que o Parque Nacional de Monte Pascoal, administrado pelo IBDF, pertence à área pertencente à FUNAI, conta com

uma área de 22 mil hectares. Os índios Pataxó ocupam cerca de um quarto dessa área.

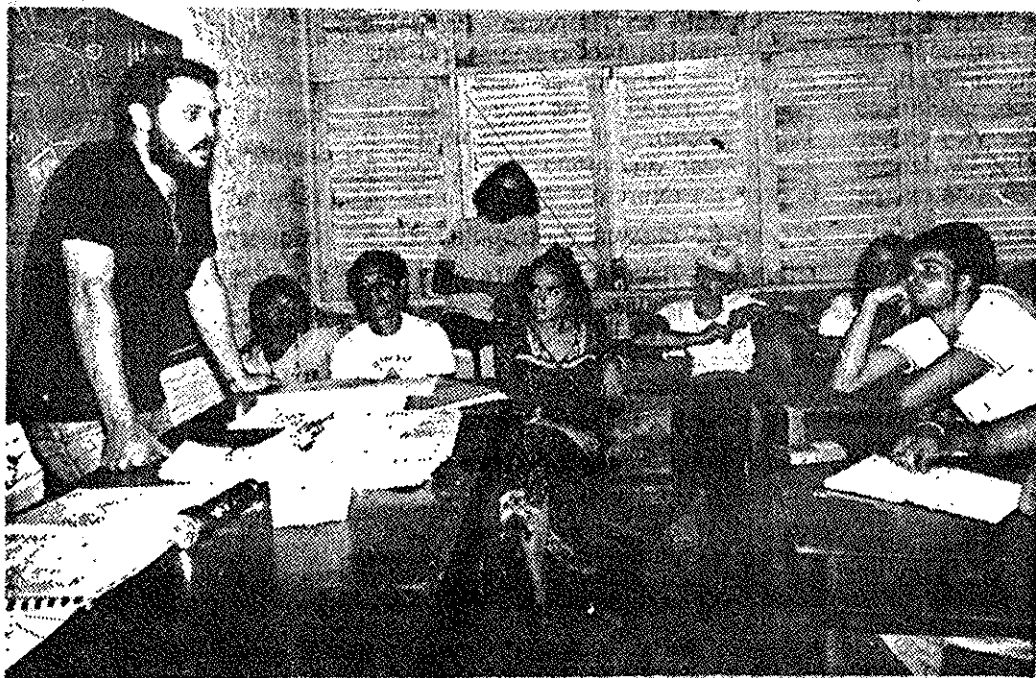
A conversa prossegue em meio a frases que provocaram medo. Cuidado com as cobras. Elas preferem sangue novo, porque já estão acostumadas com os índios e, em dados momentos, chegam até a fugir deles. Alguns páram de cochilar e ficam em estado de alerta. A noite vem chegando e o calor continua quase o mesmo do início da tarde. O chefe da Equipe Volante de Saúde da FUNAI volta a falar de projetos do órgão dentro da reserva indígena. Conta que por volta de 80 e 81 teve excesso de produção agrícola em Barra Velha e que a Funai empregou verba elevada e sequer chegou a ter retorno daquilo utilizado.

— "O índio não tinha como sair de Barra Velha até Porto Seguro — a cidade mais próxima — para vender o excesso. A maioria recebia sementes para o plantio e sequer fazia a coisa certa. Achavam melhor transformar a semente, de feijão, por exemplo, em alimento, que plantar. Até hoje, os índios não devolveram nada do que foi empregado para a sobrevivência deles.

Resultado: projeto frustrado e necessidades redobradas".

O cacique Tururim e o sub-cacique Ita, também conhecido por Alfredo, escutam atônitos as explicações do médico Adriano de Freitas. Nada reclamam. O chefe da equipe médica, empolgado, continua a explicar, em forma de desabafo, que até nas escolas da Aldeia o serviço não rende. Em época de plantio e colheita, as escolas esvaziavam. Os pais levaram os filhos para a roça para não perderem a produção".

Deixando claro que a Funai não dispõe de muita verba, ou cota para ajudar a desenvolver trabalhos em Barra Velha, Adriano de Freitas volta a falar do setor agropecuário daquela região, citando dados estatísticos e culpando a tribo pelo não desenvolvimento. Ele fala da plantação de cacau e da criação de suínos que "não receberam tratamento adequado por parte da tribo". Entre uma exposição e outra, Adriano lembra do perigo das cobras, da contaminação através da água, da economia de energia elétrica que é gerada na região apenas quando o rádio transmissor precisa ser ligado para comunicação com o Posto da Funai.



Médico Adriano de Freitas promove reunião e deixa índios magoados